

Do gênero laudatório aos lugares-comuns de Quintiliano na correspondência entre Sêneca e Paulo: minúcias da invenção retórica

Éber José dos Santos
Joelma Batista dos Santos Ribeiro

La aventura de construir um discurso es la aventura de interpretar una parte del mundo.

David Punjante

Foi durante as primeiras décadas da era cristã que Sêneca (4 a.C – 65 d.C), o filósofo estoico e tutor de Nero, o imperador, teria trocado cartas com apóstolo Paulo (5 d.C – 67 d.C), judeu convertido à nova religião, o cristianismo. Assim, em termos de pensamento, de um lado do processo comunicativo está o importante representante e mestre da filosofia estoica na figura de Sêneca; de outro, o principal propagador e doutrinador do cristianismo, Paulo de Tarso. Devido à notável influência da biografia e das ideias de cada um desses homens ainda na contemporaneidade, são atiçados os meandros da curiosidade de leitores que, ao se embrenharem na leitura da coletânea das 14 cartas, questionam: O que esses homens de educação/formação e posição social tão distintas comungavam para trocar cartas? Como escolheram expressar suas perspectivas filosóficas um para o outro? Como planejaram seus discursos (invenção)? Como selecionaram e embasaram seus argumentos (lugares)? Essas são também nossas inquietações.

Para investigarmos o discurso produzido nessas cartas, supostamente trocadas entre Paulo e Sêneca, percorreremos o caminho que a Retórica nos proporciona ao instruir sobre a produção do discurso, assim, especificamente, nos debruçaremos, neste capítulo, na operação retórica da invenção dentre as cinco apresentadas por Aristóteles (2005) e retomada, na retórica latina, por Quintiliano, na sua obra *Instituições Oratórias* (2015).

Ressaltamos, dessa forma, que a Retórica atua como orientadora e organizadora na produção de discursos, dada a sua função heurística, pois busca o melhor meio

de persuadir¹ mas, também, oferece a possibilidade de desmontar discursos, a fim de revelar os mecanismos persuasivos utilizados, função hermenêutica². É por efeito dessa última função que nos dedicamos ao estudo da invenção, especificamente, do gênero retórico laudatório e dos lugares da pessoa, segundo a perspectiva de Quintiliano (2015), na coletânea de cartas citada.

Apesar das controvérsias acerca da autenticidade dessas cartas, questão que colocaremos durante nosso estudo, é inegável o valor histórico desses escritos, que datam entre 58 d.C e 64 d.C. Esses documentos também trazem uma riqueza discursiva que permite a análise de como os oradores selecionam, inventariam e aquilatam aquilo que dizem/escrevem e, dessa forma, revelam, por meio do “como dizem”, o brilhantismo de suas mentes e o senso moral e ético de cada um, permeado pelo respeito mútuo.

Sêneca e Paulo: aspectos confluentes entre Estoicismo e Cristianismo

O Estoicismo ou Filosofia do Pórtico é uma corrente filosófica da Grécia Antiga. Etimologicamente, o termo parte da combinação grega de *stoá* + *poikílê*, que significa “pórtico multicolorido”. Tem como seu precursor o filósofo Zenão de Cítio (336 – 264 a.C), que ministrava seus ensinamentos em um pórtico ateniense.

Historicamente, a filosofia estoica passou por três fases importantes, a saber: 1. Estoicismo primitivo – século III a. C – fase grega que teve como expoentes Zenão, Cleantes e Crisípio; 2. Estoicismo médio – séculos II e I a.C – ainda na Grécia, cujos representantes foram Panécio e Possidônio; e 3. Estoicismo romano – séculos I e II d.C – já na era cristã, teve lugar em Roma, com Sêneca, Musônio Rufo, Epicteto e Marco Aurélio³.

Interessa a este capítulo a última fase e, especificamente, Sêneca, visto suas supostas cartas a Paulo de Tarso serem nosso objeto de estudo. No entanto, antes de adentrar no pensamento sequeniano, cabe ressaltar que a filosofia estoica, em suas três fases, ancorou-se no tripé lógica, física e ética, chamados de lugares por Apolôdoros⁴, que estão imbricadas entre si como as partes de um ser vivo, em que ossos e nervos dizem respeito à lógica, a carne à ética e a alma à física, conforme expõe Diógenes Laértios (2008). Alguns estoicos, como Zenão, consideravam um mais importante que o outro. Sêneca, por exemplo, dedicou-se mais à ética, que se pautava no princípio viver em conformidade com a natureza e abarcava duas principais virtudes: a tranquilidade e a imperturbabilidade da alma, correspondentes à *ataraxia*, e a indiferença perante as coisas materiais.

1 Aristóteles, 2005

2 Reboul, 2004

3 Porto, 2018

4 Diógenes Laértios, 2008, VII, 39

Alguns estoicos dividiam a lógica em dialética e retórica. Essa última, que nos interessa, era compreendida como dividida em três partes: “deliberativa, forense e encomiástica”⁵, composta dos seguintes elementos: “invenção dos argumentos, sua expressão, sua disposição e representação”, que compunham o discurso retórico estruturado em “proêmio, narração dos fatos, refutação da parte contrária e epílogo”⁶.

Quanto à ética e à física, parece-nos suficiente apenas pontuar sobre quais matérias versavam. Os estoicos dividiam a ética, de modo geral, em “doutrina do impulso, do bem e do mal, da excelência, do fim supremo, do valor mais, dos deveres, e da exortação e dissuasão em face da ação”⁷. A física tratava acerca “dos corpos, dos princípios, dos elementos, dos deuses, dos limites, do espaço e do vazio”⁸.

Cabe, agora, brevemente, tecer algumas considerações sobre o filósofo cordobês. Lúcio Aneu Sêneca nasceu em Córdoba, Espanha, e viveu em Roma. Foi pupilo de Átalo, o estoico, e de Papírio Fabiano, amigo de seu pai. Socialmente, era tido como um homem rico, mas seus “hábitos eram simples à beira da austeridade”⁹. Durante sua vida, deteve posições de prestígio, como a de Cônsul e de Questor, cargo administrativo de magistratura que compunha a cúpula do Senado, instituição de relevância que comandava a República Romana. Após o exílio na Ilha de Córsega, nos tempos do Imperador Cláudio, tornou-se preceptor e conselheiro de Nero, para quem elaborava discursos com bela linguagem. Sua filosofia tinha como princípio a formação do caráter. Seu legado em termos de obras é composto de discursos, poemas, epístolas e diálogos.

Paulo de Tarso, apesar de contemporâneo de Sêneca, possuía uma formação voltada aos costumes e à religião judaica. Pertencia ao farisaísmo, respeitada facção judaica, tinha alguma instrução helenística e cidadania romana. No entanto, naquele contexto, não era significativo, comparada ao berço filosófico de formação e atuação do filósofo estoico Sêneca.

Ao tornar-se seguidor de Cristo e, posteriormente, apóstolo, Paulo escreveu a maior parte do Novo Testamento, dez epístolas direcionadas primeiramente às comunidades de fé fundadas por ele e, depois, a toda cristandade. Esses mesmos escritos são mencionados por Sêneca nas cartas analisadas. São eles que carregam os princípios éticos e doutrinários do cristianismo, que confluem e agradam ao filósofo estoico e perfazem possíveis pontos de contatos entre ambos.

Nessa perspectiva, Sêneca, embora pagão, foi citado por alguns Pais da Igreja, como Tertuliano, Agostinho, Lactâncio e Jerônimo, provavelmente porque defendia uma filosofia que, por vezes, se aproximava, especialmente no nível da expressão, da doutrina cristã. De modo geral, Estoicismo e Cristianismo se tocavam em alguns

5 Diógenes Laértios, 2008, VII, 42

6 Diógenes Laértios, 2008, VII, 43

7 Diógenes Laértios, 2008, VII, 84

8 Diógenes Laértios, 2008, VII, 132

9 Holland, 2020, p. 129

aspectos, como, por exemplo, na definição da Divindade, na crença de deuses/Deus onipotentes; nas aceções sobre carne e espírito e vida após a morte, temas que encontram, nos pensamentos sequeniano e paulino, algumas similaridades¹⁰.

Selecionar, inventariar e aquilatar: a operação retórica da invenção

A invenção é a operação retórica primeira, antecede a escrita do discurso. É o momento em que o orador busca as provas e avalia o que há de possibilidades argumentativas que podem colaborar para o apoio de sua tese. Em outras palavras, segundo esclarecem alguns estudiosos de Retórica^{11,12}, invenção pode significar inventariar, uma vez que o orador passa a considerar as possíveis provas que o seu discurso poderá apresentar na disposição e, a partir de então, selecionará as que se adequarão ao trajeto do discurso a ser implementado. Trata-se, portanto, da preparação do conteúdo¹³.

Antes de inventariar, no entanto, o orador terá previamente estabelecido a prova intrínseca que embasará o discurso, que pode ser permeado por provas éticas (*ethos*), se alicerçar no caráter moral do orador; patéticas (*pathos*), se privilegiar o auditório suas paixões; ou, ainda, lógicas (*logos*), se prezar pela racionalidade¹⁴. Depois, há de se levar em conta o gênero retórico adotado, do qual se servirá o discurso e de onde - o lugar - se deduzirá o repertório argumentativo, isto é, o tipo de participação do auditório e os lugares de onde se extrairão os argumentos.

É durante a invenção do discurso que o orador aquilata o que pode usar como argumento para o auditório a que se dirige, para isso é necessário que também tenha claro na sua mente os objetivos que pretende e as características do auditório para, assim, traçar os meios de conquistá-lo pelo discurso que será, nas demais etapas de construção ou operações retóricas, polido e entregue a ele.

Destacamos que a invenção, embora seja como as demais partes do sistema retórico, de suma importância para o êxito persuasivo do orador, tem o seu papel bem claro na elaboração do discurso: achar o que há de adequado para persuadir a partir, muitas vezes, do acionamento da memória do orador¹⁵, isto é, parte dos conhecimentos prévios que esse já possui. Portanto, os elementos persuasivos não são, na maioria das vezes, tirados do inexistente ou inventados, antes são trazidos à tona no processo de invenção e, posteriormente, implementados e aplicados ao discurso.

10 Ferreira, 2012

11 Mateus, 2018, p. 116

12 Tringali, 2014, p. 133

13 Mosca, 2004

14 Mateus, 2018.

15 Lausberg, 1967, p. 91

Nessa perspectiva, Quintiliano retomou os estudos de Aristóteles (2005) e de Cícero sobre a invenção e dedicou grande parte de suas *Instituições Oratórias* para o tema, especificamente os livros III e IV. Para o professor latino de retórica, essa operação consiste no método de encontrar os materiais (provas) que apontam a causa que o orador coloca, no entanto, não se restringe apenas a encontrá-las, mas também, organizá-las sabiamente para seu fim persuasivo. Dessa forma, a invenção se mostra como um mecanismo de investigação dos feitos que são, segundo Quintiliano, de onde procedem as causas, a partir das quais surgem os discursos. O autor ainda esclarece nos seus estudos sobre a invenção que qualquer causa é uma *quaestio*, ou seja, os assuntos que os discursos tratam em geral (assassinatos, roubos, traições).

Essas causas, dessa forma, definem-se por seus *estados de causa*, os quais, segundo Quintiliano (2015), que se baseia em Hermágoras de Temnos do século II a. C., são: a **conjectura**: o orador se pergunta se existe a causa realmente; a **definição**: o orador se pergunta o que é a causa; a **qualidade**: o orador se pergunta como é¹⁶; há, ainda, o estado translativo: compete ao juiz entender e estabelecer como é a causa. Esse último estado de causa foi incluído no estado de qualidade¹⁷. Dessa forma, os estados da causa estabelecidos pelo orador, conforme o mestre latino, é a base da operação retórica da invenção que estabelecerá se a causa existe, em que consiste e como é. São elas que estabelecerão a organização do discurso, a seleção dos materiais e a construção de significado.

Reiteramos que é, também, na operação retórica da invenção, que se concretiza o estabelecimento do gênero retórico do discurso, o qual se classifica de acordo com a *participação do auditório no discurso*, que pode ser colocado como: juiz, árbitro ou apreciador; a *finalidade persuasiva do discurso*, sobre o que é: justo ou injusto, útil ou inútil, honroso ou vergonhoso; e o *tempo referido*: passado, futuro, presente. Se o auditório for colocado pelo orador como espectador, apreciador do discurso de vitupério ou louvor, o discurso será classificado como gênero laudatório, também denominado de demonstrativo ou epidíctico. Caso seja posicionado como juiz, pertencerá ao gênero judicial. Se, por acaso, for acomodado na posição de opinar, como um árbitro, o gênero será o deliberativo ou político.

Os gêneros retóricos foram sistematizados por Aristóteles (2005), no entanto, vários tratados de retórica fazem uso das mesmas terminologias e abordagens do estagirita. Quintiliano (2015), apesar de ter estudado e ensinado em uma época em que o vínculo da retórica com a democracia perdera força e se restringira ao ensino de discursos praticados artificialmente, o mestre latino afirma que o gênero laudatório ainda se mantinha como parte ativa da eloquência e relata que esse gênero era constantemente usado para exercício de jovens, a fim de formar seus ânimos como futuros oradores. Ademais, aponta que o discurso demonstrativo também possui um fim prático relacionado à política, uma vez que, mesmo no

16 Quintiliano, 2015.

17 Pujante, 2003, p.81

contexto imperialista que se encontrava, podia ser utilizado para se dirigir a atos e atuações políticas que poderiam ser louvadas ou censuradas.

Quintiliano acentua que, como os demais gêneros retóricos, o laudatório também necessita de provas que justifiquem o porquê elogiamos ou vituperamos uma pessoa, uma causa, um lugar ou outro ser animado ou inanimado. É necessário justificar o louvor ou a censura e, para isso, assinala que são usados os recursos da amplificação e do ornato¹⁸. Para elogiar uma pessoa, pode referir-se¹⁹ ao: *tempo anterior ao seu nascimento*: pátria, parentes, ancestrais, presságios; *qualidades do espírito*: disciplina, força de vontade, justiça, continência, virtudes; *qualidades do corpo*: beleza, força; *circunstâncias externas*: fortuna, potência, graça; *desempenho*: o único que fez, o primeiro, acima do esperado.

É assinalado por Quintiliano que é fundamental, no processo de invenção, que o orador atente para a reputação da pessoa para a qual vai dirigir o discurso laudatório, se existe um desfavorecimento por parte do auditório ou um juízo prévio. Consciente disso, o orador elaborará um discurso eficaz, em que lançará mão dos recursos da arte retórica para mudar a opinião dos ouvintes. É, nesse momento que, além de estabelecer a causa, os estados da causa e o gênero retórico no qual o discurso será pautado, o orador, também, iniciará o processo de inventariar as provas, portanto, decidirá o lugar ou os lugares dos quais retirará o repertório de argumentos que sediarão o discurso, reiteramos.

Vale enfatizar que, na invenção retórica, todas as escolhas selecionadas pelo orador se dão em um processo concomitante com a definição dos estados da causa, com o estabelecimento do gênero retórico norteador e os lugares de onde se extrairão os argumentos. Dessa forma, esses elementos se complementam persuasivamente e, assim, se encaminham, naturalmente, para a etapa seguinte, a disposição.²⁰

Para o mestre latino, os argumentos são obtidos de lugares que funcionam como sedes que são relativas às coisas ou às pessoas, como apresenta no livro V do capítulo 10 das *Instituições Oratórias* (2015)²¹. Nessa perspectiva, os lugares relativos a motivo, data, local, ocasião, instrumento, modo e outros são aspectos relativos às coisas. Já os argumentos deduzidos a partir da pessoa consideram os fatores de: origem familiar, raça, pátria, gênero, idade, educação e estudo, constituição física, fortuna, diferença de condição social, tendências do espírito e ocupação profissional. Explicitamos no quadro a seguir os fatores deduzidos a partir da pessoa que são tratados na análise²².

18 Quintiliano, 2015.

19 Ibid.

20 Quintiliano, 2015.

21 Quintiliano, 2015.

22 Pujante, 2003, p.156.

Quadro 1: Fatores relativos ao lugar da pessoa

| | |
|------------------------------|---|
| Raça | Os costumes são próprios de cada indivíduo e não é provável que sejam os mesmos para o bárbaro, o romano e o grego. |
| Educação e estudo | Os elementos mostram por quem e para que cada um já foi instruído. |
| Diferença de condição social | A condição social é um fator a ser considerado, pois há grande diferenciação quando se trata de um magistrado ou de uma pessoa comum, de um famoso ou de um desconhecido, de um casado ou de um solteiro, pai de filhos ou viúvo. |
| Tendências do espírito | A avareza, a ira, a misericórdia, a crueldade, o rigor e outras assemelhadas com frequência aumentam ou diminuem a confiança, do mesmo modo que se verifica se o modo de vida com luxo é sóbrio ou excessivo. Também como almeja ser visto: como rico ou eloquente, como justo ou poderoso. |
| Ocupação profissional | O trabalho é outro aspecto, visto que um camponês, um médico, um advogado, um marinheiro, sem dúvida, pratica ações muito diferentes. |

Fonte: Elaborado pelos autores.²³

Os argumentos obtidos a partir das coisas, por sua vez, partem das perguntas: Por que fez algo? Onde se fez algo? Quando se fez algo? Como se fez algo? Com que meios se fez algo? Logo, essas questões apontam para a suposta motivação: para conseguir um bem, acrescentá-lo, ou ainda, conservá-lo; para evitar algum mal ou livrar-se dele, ou ainda, minorá-lo ou trocá-lo por um menor²⁴.

Quintiliano (2015) com base na Tópica de Cícero, resume os lugares possíveis de se deduzir argumentos da seguinte forma:

(...) deduzem-se os argumentos de pessoas, dos motivos, dos lugares, do tempo (do qual apontamos três partes: precedente, simultâneo, e subsequente), dos recursos (aos quais acrescentamos o instrumento), do modo (isto é, como algo foi feito), da definição, do gênero, da espécie, das diferenças, das propriedades, da eliminação, da divisão, do início, dos acréscimos, do resumo das semelhanças, das diferenças, dos contrários, dos consequentes, dos eficientes, dos resultados e das comparações, que se subdividem em muitas espécies. Parece-me ser necessário acrescentar que os argumentos são extraídos não só dos fatos confirmados, mas também de suposições, que os gregos denominam hipótese; e isso sem dúvida em todos os tópicos acima enumerados, uma vez que pode haver tantas espécies supostas quantas forem as verdadeiras²⁵.

23 Quadro adaptado de Pujante, 2003, p. 156 – Tradução livre dos autores.

24 Ibid. p. 156.

25 Quintiliano (2015), p. 267 – grifos dos autores.

Esclarecemos que o foco do estudo dos lugares neste capítulo está no *lugar da pessoa*, segundo Quintiliano (2015). Por isso, não nos debruçamos na exposição dos demais lugares. Como exposto no quadro 1, os lugares da pessoa podem abordar vários aspectos, como: raça, posição social, educação e outros, para obter provas verossímeis suficientes para conceber um discurso persuasivo. No entanto, os lugares estão atrelados com outros aspectos do discurso retórico como, por exemplo, o gênero retórico, para atingir seu objetivo.

Dignificação do outro: o cônsul e o apóstolo

O conjunto de cartas supostamente trocadas entre Sêneca e Paulo revelam a comunicação íntima entre esses dois homens contemporâneos que procuram se conhecer e reconhecer. Nesse processo comunicativo, o discurso revela a forte identificação moral e ética de seus pensamentos e o amor à lei do universo aplicada à natureza. Apesar do grande distanciamento na escala social - Paulo, preso romano²⁶, e Sêneca, um prestigiado cônsul e questor -, o discurso produzido dignifica o modo de ser de um e de outro e revela enorme respeito pela posição e ideias mútuas.

Nessa perspectiva, pode-se assinalar que, na operação retórica da invenção desse discurso, os oradores Sêneca e Paulo acentuam a prova intrínseca e psicológica do *ethos*, ou seja, o caráter moral um do outro (oradores) para produzir o discurso das cartas. Concomitantemente, ao enlaçamento do *ethos* que permeia a operação retórica da invenção das cartas, as provas retóricas são escolhidas, aquilatadas e inventariadas de maneira que sirvam ao propósito persuasivo: trazer o outro para perto de si e, assim, conhecê-lo. É, portanto, nesse processo que são estabelecidos os gêneros retóricos e os lugares de onde se deduzirão os argumentos.

É Sêneca, portanto, que inicia a série de correspondências ao se dirigir ao apóstolo para elogiar seus escritos: “sentimo-nos renovados pela leitura do seu livro, coletânea de inúmeras cartas de exortação dirigidas às cidades e capitais de províncias que apontavam para a vida moral por meio de admiráveis preceitos”²⁷. O motivo que leva Sêneca a corresponder-se com Paulo são seus escritos. O cônsul teria encontrado beleza e traços da filosofia estoica ou, ainda, percebido certo brilhantismo no pensamento ético paulino. Neste sentido, os escritos de Paulo são mencionados como os feitos que levaram a correspondência.

26 Paulo foi acusado em Jerusalém de ter profanado o templo judeu e, após quase ser assassinado, foi preso em Cesareia, onde ficou detido por dois anos durante pretório de Herodes sob a autoridade do governador Felix. No final deste período foi julgado inocente por Pôncio Festo, mas no seu direito como cidadão romano apelou ao imperador e foi, imediatamente, enviado para Roma em 61 d.C. Devido ao privilégio de sua cidadania não poderia ir para a prisão sem julgamento, então, em Roma, durante dois anos foi autorizado a alugar uma casa que permanecia sob vigilância da guarda. (MURPHY-O'CONNOR, 2004)

27 Miranda; Pereira Melo, 2007, p. 3

Na perspectiva de Quintiliano (2015), são os feitos que geram as causas, e estas, os discursos. São, portanto, os estados da causa a base para a invenção retórica, assim, o orador deve se certificar que há causa (conjectura), em que consiste (definição) e como é (qualidade). Observamos que todos os estados da causa são certificados por Sêneca no ato retórico da primeira carta. É importante ressaltar que o filósofo exalta tanto os escritos quanto o próprio Paulo já na primeira carta:

1. SÊNECA PARA PAULO, Saudações

Eu creio, Paulo, que você foi informado da conversa que tive ontem com meu amigo Lucílio sobre a Obra e outros assuntos. Certamente alguns de seus discípulos estavam comigo. Nós havíamos nos retirado para os Jardins de Sallust, onde, por nossa causa, os discípulos que mencionei, os quais estavam indo em outra direção, vieram e se juntaram a nós. Esteja certo de que ansiávamos por sua presença e eu também gostaria que você soubesse disso: sentimo-nos renovados pela leitura do seu livro, coletânea de inúmeras cartas de exortação dirigidas às cidades e capitais de províncias que apontavam para a vida moral por meio de admiráveis preceitos. Estes pensamentos, creio eu, não são expressos por você, e sim, através de você; mas certamente algumas vezes, por você e através de você. Eles expressam tanta leveza e brilho, permeados por um nobre sentimento que, em minha opinião, gerações de homens dificilmente seriam suficientes para estabelecê-los e aperfeiçoá-los. Eu lhe desejo boa saúde, Irmão²⁸.

Dessa forma, ao inventariar as provas, a fim de estabelecer o discurso, os oradores das cartas valem-se do gênero retórico laudatório que se dedica, no caso, a louvar o modo de ser e pensar do outro e, também, no caso de Sêneca, os escritos paulinos, no decorrer das cartas. Esse gênero retórico busca colocar o auditório como apreciador do discurso e esmera-se para exaltar a quem ou a que se dirige.

Na carta 10, por exemplo, Paulo desculpa-se por não reconhecer o seu lugar e, assim, sempre mencionar o seu nome antes no cabeçalho:

10. PARA SÊNECA, PAULO, Saudações

Sempre que lhe escrevo e não coloco meu nome após o seu (veja o título) eu cometo um delito contra os meus princípios. Porque devo, como declarei por diversas vezes, ser tudo para todos os homens e observar em você, a quem a lei romana concedeu a honra do senado, o fato de que se coloca no último lugar ao redigir uma carta, não fazendo - como eu - de uma forma confusa e vergonhosa. Adeus, mais dedicado dos mestres!

Dado no dia 5 das calendas de julho, Nero a 4ª vez, e Messala, cônsul (d.C 58).²⁹

28 Miranda; Pereira Melo, 2007, p. 3

29 Miranda; Pereira Melo, 2007, p. 6

Na carta 11, Sêneca responde a Paulo:

11. SÊNECA PARA PAULO, Saudações

Saudações, meu querido Paulo. Você, tão grande homem, tão amado por Deus, seja, não unido, mas intimamente associado comigo e com o meu nome, e eu me sentirei completamente feliz. Você é o cume mais alto de todas as montanhas. Você não se regozijaria pelo fato de eu estar tão próximo a ponto de me tornar um segundo ego seu? Não pense, então, que você é indigno de ser nomeado primeiro no título das cartas. Você me faz acreditar que está me testando ao invés de brincar comigo, especialmente pelo fato de você saber que é um cidadão romano. Quanto à minha posição, preferiria que fosse a sua, e a sua preferia que fosse a minha. Adeus querido Paulo.

Dado no dia 10 das calendas de abril. Aproniano e Capito cônsules (59 d.C.)³⁰.

Paulo retrata-se com Sêneca na carta 10 por não fazer valer a reverência apropriada ao esplendor de sua posição: “a quem a lei romana concedeu a honra do senado”. No entanto, ao responder Paulo, o cônsul primeiramente menciona a grandeza de Paulo revelada pelo seu caráter e, por último, menciona que também é um cidadão romano. É importante evidenciar que nestas, assim como nas demais cartas, o lugar que os oradores, primordialmente, deduzem os argumentos, sua fonte, encontra-se a partir do lugar da pessoa. Dessa forma, ao mencionar o status social romano de Sêneca, Paulo utiliza o lugar da pessoa e abrange, segundo categoriza Quintiliano (2015), os aspectos da raça: é romano, por isso há um costume; diferenciação social: é cônsul, portanto tem prestígio e poder; ocupação profissional: sua função influencia a maneira como se comunica e age; e escolaridade e educação: mostra para qual tipo de função foi instruído.

Ao responder Paulo, o filósofo estoico também evidencia em todas as cartas o lugar da pessoa. Na carta 11, direciona o lugar da pessoa para aspectos relacionados à tendência de espírito: como Paulo deseja ser visto, menor que Sêneca; e raça: lembra-o que também é cidadão romano.

Na carta 2, primeira enviada a Sêneca, é possível notar que Paulo já havia adotado o lugar da pessoa para estabelecer o seu discurso:

(...) Digo-o por você (Sêneca) saber quando, por quem, em que momento e para quem as coisas devem ser dadas e confiadas. (...) Eu (Paulo) ficaria feliz com a opinião de um homem da sua estatura: sei que você não diria isso de si mesmo. Um crítico, um filósofo, o professor de um grande príncipe; sei que não diria essas coisas a menos que fossem verdades. Espero que você esteja com saúde.³¹

O apóstolo se dirige ao filósofo romano a partir do lugar da pessoa evidenciado pela condição social, ocupação profissional e educação: homem de estatura, um crí-

30 Miranda; Pereira Melo, 2007, p. 6

31 Miranda; Pereira Melo, 2007, p. 3

tico, filósofo, o professor de um grande príncipe. Mas também se refere a tendência de espírito: “sei que você não diria isso de si mesmo”, “sei que não diria essas coisas a menos que fossem verdades”.

É evidente o tom laudatório do discurso epidíctico que é acentuado pelo uso da prova retórica ética, *ethos*, nesse fragmento e nas demais cartas. É na operação retórica da invenção que as provas são selecionadas a fim de se entrelaçarem e se aglutinarem para serem organizadas na disposição, próxima operação retórica que não abordamos neste capítulo, mas futuramente.

Dessa forma, no discurso das cartas, supostamente trocadas entre Sêneca e Paulo, se evidencia a operação retórica da invenção permeada pela motivação do orador de conhecer o outro para dignificar o seu modo de ser, ou seja, o seu caráter, *ethos*, razão que levou o filósofo estoico a enviar a primeira carta ao prisioneiro romano, Paulo. Vale observar que a exaltação do caráter do orador no discurso sofre um certo comedimento, é fracionado no decorrer das cartas, fator que torna o lugar da pessoa uma prova retórica, em outras palavras, é o lugar da pessoa que norteia o discurso dando-lhe a verossimilhança necessária para que ocorra a persuasão.

Considerações finais

Independentemente se as cartas trocadas entre Sêneca e Paulo têm origem apócrifa, é fato que, pelo conjunto, contexto e assuntos que comungam, somos apresentados com a sua incrível riqueza e beleza discursiva. Esse fato, além de tantos outros apresentados pelos Pais da Igreja, nos enviesa a crer no estimado valor destes textos antigos, propícios para uma análise retórica.

Conforme vimos, Sêneca foi um dos filósofos estoicos que se preocupou com a moral e a ética, primordialmente, temas também de interesse de Paulo de Tarso quando de suas pregações ao seu auditório. Outro ponto de destaque entre os oradores é o uso da retórica para fins de persuasão, seja para ganhar a adesão dos subservientes a um poderoso império ou para exortar o povo que seguir um caminho virtuoso e de amor a Cristo era o mais conveniente. Reside aí, então, a troca de elogios e admiração entre o cônsul e o apóstolo que se reconhecem e compactuam de mesmos princípios, além de serem adeptos à beleza da expressão em seus discursos.

Entendemos que, a partir do teor das cartas mencionadas, conseguimos mostrar, retoricamente, quais foram as preferências de Sêneca e Paulo na troca das correspondências, principalmente, como estabeleceram a operação da invenção retórica na correspondência. Restou claro que optaram por centrar seus discursos, mutuamente, na admiração, na gentileza, no carinho, no reconhecimento das virtudes um do outro, gênero laudatório; acomodaram-se no lugar da pessoa, conforme nos ensina Quintiliano; e preferiram valer-se da prova intrínseca firmada no *ethos*.

Destarte, com essas considerações, cremos ter dado conta de refletir e responder às questões iniciais suscitadas na introdução deste capítulo.

Referências

- ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. 17. ed. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. Introdução e notas de Jean Voilquin e Jean Capelle. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- DIÓGENES LAËRTIOS. **Vida e doutrina dos Filósofos Ilustres**. Tradução do grego, introdução e notas de Mário da Gama. 2 ed. reempr. Brasília: Universidade de Brasília, 2008.
- FERREIRA, Paulo Sérgio. **Sêneca e Paulo de Tarso: conjecturas em torno de uma correspondência incerta**. In: RAMOS *et al.*, José Augusto (coords.). Paulo de Tarso: grego e romano, judeu e cristão. Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- HOLLAND, Francis Caldwell. **Sêneca: vida e filosofia**. Tradução, introdução e notas de Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Editora Montecristo, 2020.
- LAUSBERG, HEINRICH. **Elementos de Retórica literária**. Título original: Elemente der literarischen Rhetorik. Tradução portuguesa de M. R. Rosado Fernandes. 2º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1967.
- MATEUS, Samuel. **Introdução à Retórica no séc. XXI**. Covilhão: LabCom.IFP, 2018.
- MIRANDA, Marcos Vinicius; PEREIRA MELO, José Joaquim. **O Filósofo e o Apóstolo: a correspondência entre Sêneca e Paulo de Tarso**. In: I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades, 2007, Maringá. Anais do I Encontro do GT Nacional de História das Religiões e Religiosidades - ANPUH. Maringá: UEM, 2007. v. 1. p. 1-10.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador (org.). **Retóricas de ontem e hoje**. 3. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2004.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo: biografia crítica**. São Paulo: Loyola, 2004.
- PORTO, Marcus Vinicius Continentino. **O estoicismo de Sêneca e suas considerações sobre Deus e morte**. 2018. 91 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói – RJ, 2018. Disponível em: http://www.pgfi.uff.br/wp-content/uploads/2016/03/2018_Marcus_Vinicius_Porto.pdf. Acesso em: 3 jul. 2022.
- PUJANTE, David. **Manual de retórica**. Madrid: Editorial Castalia. 2003.
- QUINTILIANO, Marcos Fábio. **Instituição Oratória**. Tradução, apresentação e notas: Bruno Fregni Bassetto. Tomo II. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.
- REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. 2. ed. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.